

JORGE AMADO

O COMPADRE DE OGUM

Posfácio de
Reginaldo Prandi



Copyright © 2012 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1991

O padroeiro de Ogum é uma das narrativas do livro *Os pastores da noite*.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação Cecília Ramos

Revisão Adriana Cristina Bairrada e Camila Saraiva

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor.
Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

O padroeiro de Ogum / Jorge Amado ; posfácio de Reginaldo Prandi. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2062-2

1. Ficção brasileira I. Prandi, Reginaldo. II. Título.

12-03404

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707 3500
Fax (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

OMENINO ERA LOURO, de cabelo escorrido e olhos azulados. Azuis propriamente, não. “Tem olhos cor do céu”, diziam as más-línguas, mas não era verdade. Azulados e não azuis, as insinuações a respeito da paternidade do Gringo não passavam de baixa exploração de gente maldosa, pronta a maliciar a propósito de um tudo ou de um nada.

Era fácil, aliás, desmascarar o boato, exibir sua falsidade: o Gringo era completamente desconhecido na fímbria do cais, não havia ainda desembarcado ninguém sabe de onde, com sua persistente e silenciosa cachaça e seus olhos azul-celeste, quando Benedita parira o menino e o andara exibindo pela vizinhança. Além do mais, mesmo depois, jamais se observava o Gringo e Benedita em chamegos um com o outro, sendo provável até nem se conhecerem, pois a embusteira, após a inesquecível aparição e a perturbadora permanência de uns meses entre eles, partira de vez, tendo reaparecido apenas quando veio deixar o menino. E ainda assim sua demora foi nenhuma, o tempo de largar o coitadinho, avisar que ainda não estava batizado, nem para isso tivera ela condições e posses, e novamente sumir sem deixar endereço nem rastro a indicar seu destino. Alguns anunciam seu definitivo retorno ao estado de Alagoas, de onde era proveniente, e sua morte por lá, mas tais informações careciam de provas concretas.

Baseavam-se no lastimável estado físico de Benedita, ao voltar. Um trapo, magra, as faces comidas, os ossos furando a pele, a tosse constante. Por que diabo trouxera a crian-

ça e a largara ali, em mãos do negro, se não fosse a certeza de estar condenada? Porque, segundo as informações da vizinhança, de Benedita podia-se dizer quanto se quisesse: leviana, inconstante, mentirosa, bêbada, cínica — só de uma coisa não podia ela ser acusada: de mãe desnaturada tão madrasta a ponto de abandonar o filho com um ano incompleto. Ah!, se havia mãe boa e devotada, era igual a Benedita, melhor não. Desvelada, de um amor até exagerado, de um devotamento sem medidas. Quando o pobrezinho tivera uma infecção tola de intestino, Benedita passara noites e noites sem dormir, a chorar e a velar o sono do filho doente, um sobressalto a renovar-se a cada catarro, a cada dor de barriga do neném.

Ao nascer o pequeno, ela pensara inclusive em largar a vida e em se empregar de copeira ou em meter-se a lavar e a engomar. Até fome passava para nada faltar ao seu menino. Vestia-o com bordados e rendas caras, trazia-o nuns trinques de ricaço, parecia filho de capitalista.

Se viera entregar o filho, separar-se dele — concluíam uns e outros —, era porque sentia próximo o seu fim, a febre não dando mais nem uma folga, o gosto de sangue na garganta, cuspindo vermelho. E como dissera a uma conhecida, na afobação daquela rápida visita, do seu desejo de não morrer sem rever os campos onde nascera, concluíam por seu falecimento em Alagoas, nas redondezas de um burgo chamado Pilar.

Quem sabe, talvez, no entanto, houvesse morrido mesmo na Bahia, no hospital de indigentes, como propalava uma certa Ernestina, sua antiga camarada, cuja mãe tam-

bém ali penava. Indo visitá-la deparara com Benedita no salão das desenganadas. Tão esquelética, a ponto de Ernestina não reconhecer-lá, a tossir estendida na cama, se de cama podia-se apelidar os catres do hospital. Pedira notícias do menino e segredo de sua situação. Não queria ser visitada assim, tão acabada, fizera a amiga jurar nada dizer a ninguém.

Ernestina remoera o juramento umas três noites mas na véspera do dia de visita não resistiu, rompeu a promessa, contou o segredo a Tibéria e ao negro Massu.

No dia seguinte encaminharam-se os três para o hospital, levavam frutas, pão, uns bolos, e remédios dados pelo dr. Filinto, amigo de Tibéria, médico oficial do castelo, homem bom. Tinham discutido se deviam ou não levar o menino e concluído pela negativa: era melhor deixar para depois, podia ser um impacto grande demais para a enferma. Assim tão fraca e debilitada, podia até falecer com o choque.

Lá não mais encontraram Benedita e ninguém soube informar direito o que lhe sucedera. Enfermeiras apressadas, funcionários mal-humorados, umas e outros nada sabiam de concreto. Aquilo era um hospital de indigentes, não se ia esperar houvesse ali a ordem e a organização de um hospital particular. Assim, ficaram sem saber se tivera alta (e a alta ali não significava cura e, sim, impossibilidade de cura) ou se estava no rol das três indigentes falecidas nos últimos dias.

Depois disso nenhuma outra notícia da alegre Benedita, tão simpática e sem juízo, podia estar morta ou viva, afinal nenhum conhecido acompanhara seu enterro. Quem sabe, apareceria quando menos esperasse, a reclamar o menino,

se bem que o mais certo, como explicava Tibéria, era ter mesmo faltado com o corpo, estar morta e enterrada e o menino órfão de mãe. Ela própria, Tibéria, de acordo com Jesus, quisera, ao voltar do hospital, tomar a criança de Massu, levá-la consigo. Mas o negro nem admitia discutir o assunto, virara uma fera, ele e a avó dele, a negra Veveva, quase centenária mas ainda capaz de dançar na roda das iaôs, no candomblé, quanto mais de cuidar de uma criança. Também ela levantara-se em cólera: levar o menino, o filho de Massu, isso jamais!

Ora, se Benedita só teria podido engravidar do Gringo por ocasião de sua volta, já doente, para trazer o filho e deixá-lo com Massu, como atribuir ao loiro marinheiro tão impossível paternidade? Vontade de falar da vida dos outros, de inventar maledicências. Olhos azulados qualquer menino pode ter, mesmo sendo o pai negro, pois é impossível separar e catalogar todos os sangues de uma criança nascida na Bahia. De repente, surge um loiro entre mulatos ou um negrinho entre brancos. Assim somos nós, Deus seja louvado!

Benedita dizia ter saído o menino assim branco por haver puxado ao seu avô materno, homenzarrão loiro e estrangeiro, bebedor de cerveja, hércoles de feira a levantar pesos e marombas para espanto dos tabaréus. Explicação, como se vê, das mais razoáveis, só as más-línguas temiam em não aceitá-la e viviam atribuindo pais ao garoto como se não lhe bastasse Massu, um pai e tanto, cidadão direito e respeitado, com ele ninguém tirava prosa, e doido pelo filho. Sem falar na avó, na negra velha Veveva com

seu menino nos braços. A própria Tibéria, mulher de julgamento severo e definitivo, pronunciara sua sentença quando desistira de adotar a criança: ficava ela em boas mãos, não podia estar mais bem entregue, pai mais compenetrado, mais doce avó.

Quanto à paternidade, ninguém melhor situado para julgar e decidir sobre ela do que Benedita e Massu. Quando tivera de separar-se do menino para morrer em paz, não desejava a rapariga outro pai para seu filho, devia saber o que estava fazendo. E Massu jamais demonstrara a menor dúvida, a menor desconfiança, a sombra sequer de uma suspeita em relação à conduta de Benedita em todo aquele assunto. Quando ela sumira do meio deles já anunciara a gravidez às amigas. Por que não seria dele a barriga, se haviam rolado os dois nas areias do trapiche em noite de bebedeira?

Benedita andava com eles para baixo e para cima, basta-va chamá-la e ela vinha, bebia, cantava, dançava nas gafieiras, dormia às vezes com um deles. Falavam de um xodó seu, um tal de Otoniel, empregado no comércio, esbranquicento, com cara de palerma. Não havia nada afirmativo, porém. Ela era livre de fazer com seu tempo o que melhor quisesse, o tal de Otoniel sem voz nem voto.

Foi assim que em noite de muita cachaça, quando todos baquearam — até Jesuíno Galo Doido, tão poucas vezes visto arriado —, tendo ficado apenas de pé o negro Massu, que não perdia jamais a consciência e a força, com ele foi para o areal a moça Benedita e para ele se abriu. Sem saber de nada, a pobre, pois como adivinhar a antiga e encoberta paixão de Massu, se roendo por ela? Rebolaram-se na areia,

o negro bufando como um touro espicaçado. Benedita o recebia alegre, estava sempre alegre e satisfeita da vida.

Os outros passavam por ela, por seu corpo e sua alegria, sem deixar marca. Mas não o negro Massu. Não só marcou-lhe todo o corpo com os punhos e os dentes, deixando-a roxa como se houvesse sido surrada: quis enquadrá-la ao demais em certos limites ditados por sua ânsia e seu ciúme.

Já no outro dia a exigiu de volta ao areal e, não a encontrando, entrou em fúria, ameaçou destruir o botequim de Isidro do Batualê, foi uma dificuldade para contê-lo. Ao comprovar depois ter ela se entrevistado com o tal de Otoniel, caixeleiro de loja em São Pedro, para ali se dirigiu como um desatinado. Ergueu o caixeleiro por cima do balcão, atirou-o contra as baterias de cozinha — era uma casa onde vendiam panelas, frigideiras, caçarolas —, espancou mais dois caixeleiros e o gerente e terminou botando o patrão para correr. Foram necessários quatro soldados para levá-lo, arrastado pelas ruas, comendo bainha de facão.

Benedita aproveitou-se do engaiolamento de Massu, dias de calma após os sucessos violentos, e, anunciando sua gravidez, sumiu no mundo. Também desapareceu Otoniel mas não foi com a rapariga, não era louco de arriscar a vida, Massu ameaçara matá-lo se ele ainda a procurasse. Obteve dos patrões uma carta de recomendação e foi tentar a vida no Rio de Janeiro. Massu, finalmente posto em liberdade, por intervenção do major Cosme de Faria, não encontrou nem rastro de Benedita. Andou uns tempos de cara fechada, resmungando a propósito de tudo, recupe-

rou-se finalmente, esqueceu o rosto da moça e a noite no areal. Voltou a ser o bom e cordial Massu das Sete Portas, nem se lembrava mais de Benedita.

Eis senão quando ela, uma noite, surge em sua casa com o menino e ali o deixa a atrapalhar-se nos primeiros passos, levantando e caindo, agarrando-se nas pernas de Veveva, rindo com sua cara engraçada. Era o filho posto por Massu em seu ventre quando tinham sido amantes os dois, meses antes, talvez vovó Veveva estivesse a par do caso. Não ouvira falar? Pois Massu a tinha embarrigado, a ela, Benedita, e depois a largara por aí. Ela tivera a criança, aquela beleza de menino, e não pretendia dela se separar, não fosse estar doente, necessitando tratamento de hospital, internada. Nesse caso, onde deixar o menino, senão em casa do pai? Uma coisa ela sabia: Massu era bom, não ia largar o filho na necessidade.

Foi mesmo nessa hora, quando Benedita pronunciava tais palavras, que Massu escolheu para chegar. Vinha trazer uns trocados para a avó comprar mantimentos. Ouviu a falação de Benedita, espiou o menino engatinhando pela casa, pondo-se de pé e caindo. Numa dessas quedas o corneta olhou para Massu e riu. O negro estremeceu: Benedita por onde andara para se fazer tão magra e feia, tão acabaada, uns bracinhos de esqueleto? Mas o menino era robusto e forte, cada braço e cada perna, seu filho. Se fosse um pouco menos branco, de cabelo mais encaracolado, teria sido melhor. Mas, no fundo, não fazia diferença.

— Saiu a meu avô materno que era branco de olho azul e falava umas línguas da disgrama. Saiu branco como po-

dia ter saído preto, foi meu sangue que valeu. Mas o corpo é o teu, direitinho. E o jeito de rir...

O jeito de rir, não tinha nada mais belo. O negro pôs-se de cócoras no chão, o menino veio e se levantou entre suas pernas. E disse “papá” e repetiu. A gargalhada de Massu ressoou, estremecendo as paredes. Então Benedita sorriu e foi-se embora descansada. As lágrimas seriam apenas de saudade, não de temor e desespero.

Quanto ao resto, jamais se viu pai e filho tão unidos, tão amigos. Nas costas do negro, o menino cavalga pela sala. Riem juntos os dois e a avó também.

Só faltava mesmo batizá-lo. Onde já se viu, perguntava Veveva, menino de onze meses feitos e ainda pagão?

2

O BATIZADO DE UMA CRIANÇA PARECE coisa muito simples, vai-se ver e não é, implica todo um complicado processo. Não é só pegar o menino, juntar uns conhecidos, tocar-se o bando para a primeira igreja, falar com o padre e pronto. Se fosse só isso, não seria problema. Mas é necessário escolher, com antecedência, o padre e a igreja, levando-se em conta as devoções e obrigações dos pais e da própria criança, os orixás e encantados aos quais estão ligados, é necessário preparar as roupas para o dia, escolher os padrinhos, dar uma festinha para os amigos, arranjar dinheiro para consideráveis despesas. Trata-se de tarefa árdua, pesada responsabilidade.

A negra velha Veveva não queria saber de desculpas: o